

AS IMPLICAÇÕES DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FORMAL: UM ESTUDO DE CASO

¹Patrícia Emi de Souza; ²Katya Luciane de Oliveira; ³Patrícia Silva Lúcio;

⁴Amanda Lays Monteiro Inácio.

Resumo: O potencial para aprender que todo indivíduo carrega consigo pode sofrer interferências e em decorrência deste desenvolvimento, surgirem formas muito peculiares de aprendizagem. Sob o aspecto da educação formal de ensino esses processos diferenciais de funcionamento são vistos como transtornos de aprendizagem. O presente trabalho buscou realizar o relato de um caso de uma criança de 10 anos, encaminhada ao projeto “Avaliação Psicodiagnóstica em Diferentes Contextos e Acolhimento na Clínica Escola do Curso de Psicologia da UEL” para fim diagnóstico devido suas dificuldades escolares. Os resultados obtidos foram compatíveis com hipótese de transtorno da aprendizagem da leitura, escrita e aritmética. A avaliação psicodiagnóstica nestes casos é imprescindível, tanto para compreensão das dificuldades, quanto para o planejamento de estratégias de intervenção.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica. Dificuldades de aprendizagem. Desenvolvimento infantil.

¹Psicóloga, colaboradora externa da Universidade Estadual de Londrina –UEL.

E-mail: patriciaemi@otmail.com

²Professora Doutora da Universidade Estadual de Londrina –UEL.

³Professora Doutora da Universidade Estadual de Londrina –UEL.

⁴Psicóloga, mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina – UEL.

Introdução:

A aprendizagem é considerada um elemento intrínseco da natureza humana. Ao nascer o indivíduo carrega consigo uma condição que lhe permite a possibilidade de desenvolvimento e este processo será desencadeado nas relações com o meio ambiente. Daí a importância de um ambiente facilitador e promovedor de oportunidades para a ocorrência das experiências do “aprender”. Assim como o físico precisa de estimulações por meio de embates e conflitos para se desenvolver, os processos cognitivos necessitam que o corpo esteja em constante mudança para expandir-se (BRIDI FILHO; BRIDI, 2016). Entretanto, muitos acontecimentos podem interferir no desenvolvimento do sujeito, podendo torna-lo incompleto ou interrompido, resultando em sistemas de funcionamento com características peculiares. Sob o aspecto da aprendizagem formal de ensino, esses processos diferenciais de funcionamento, podem ser vistos como dificuldades ou transtornos de aprendizagem.

O termo transtorno de aprendizagem refere-se a um grupo de condições nas quais existe uma discrepância entre o desempenho escolar em um ou mais domínios acadêmicos e a habilidade cognitiva geral do indivíduo (HAASE; SANTOS, 2016). Segundo o DSM-5 (APA, 2014), os transtornos específicos de aprendizagem são transtornos do neurodesenvolvimento com origens biológicas que são as bases das anormalidades no nível cognitivo as quais são associadas com as manifestações comportamentais. Ainda, as origens biológicas incluem as interações de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações verbais e não verbais com eficiência e exatidão.

Uma característica essencial do transtorno da aprendizagem são as dificuldades persistentes para aprender habilidades acadêmicas fundamentais e que estas sejam consideradas específicas, como por exemplo, dificuldade persistente na aquisição da habilidade de leitura, escrita ou cálculo. O desempenho do indivíduo nas habilidades acadêmicas afetadas deve estar bem abaixo da média para a idade e que sejam presentes logo nos primeiros anos escolares. As dificuldades não podem ser explicadas por déficit

intelectual, sensorial ou emocional, tampouco por inadequação por escolarização inadequada ou desvantagem econômica ou social.

Segundo dados da literatura (HAASE; SANTOS, 2016; DIAS et al, 2016), dentre os transtornos de aprendizagem mais pesquisados estão a dislexia e discalculia. O sintoma mais comum da dislexia é a dificuldade de aprender a correlacionar letras a sons do próprio idioma. A discalculia refere-se a um padrão de dificuldades caracterizado por problemas no processamento de informações numéricas, aprendizagem de fatos aritméticos e realização de cálculos precisos e fluentes (APA, 2014).

Diante da expectativa do desenvolvimento dito normal, há sempre a individualidade que não pode ser negada. Entretanto, a marca da diferença muitas vezes não serve como norteadora, mas como elemento que atrairá muitas dificuldades no processo de aprendizagem, trazendo temor sobre o futuro do aprendente (BRIDI FILHO; BRIDI, 2016). Para tanto, um diagnóstico acertado na ocasião das dificuldades proporcionará tanto uma compreensão das mesmas, quanto uma programação de intervenção eficiente.

Com o objetivo de oferecer avaliação fundamentada, o Projeto de Extensão “Avaliação Psicodiagnóstica em Diferentes Contextos e Acolhimento na Clínica Escola do Curso de Psicologia da UEL (Universidade Estadual de Londrina)” recebe pessoas da cidade de Londrina e região encaminhadas por diversas entidades para avaliação psicodiagnóstica. O presente trabalho teve o objetivo de relatar um dos atendimentos realizados no projeto.

Método

Participou deste estudo uma criança do sexo masculino com idade de 10 anos, encaminhada ao projeto “Avaliação Psicodiagnóstica em Diferentes Contextos e Acolhimento na Clínica Escola do Curso de Psicologia da UEL (Universidade Estadual de Londrina)” para fim diagnóstico devido suas dificuldades escolares. O encaminhamento foi realizado pela direção escolar, onde a criança cursava o 4º ano do ensino fundamental e relatou dificuldades de aprendizagem desde o 1º ano. Foi realizada entrevista inicial de anamnese com os responsáveis e sete sessões de avaliação propriamente dita com a criança. Para atender ao objetivo da avaliação foram selecionados testes padronizados de avaliação cognitiva e de personalidade, tarefas cognitivas e

observações clínicas. O critério de inclusão foi autorização dos pais por meio do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Instrumentos

Testes padronizados: Escala Wechsler de Inteligência para Crianças, 4ª edição (WISC-IV), Matrizes Progressivas Coloridas de Raven Escala Especial, Bateria Psicológica para Avaliação de atenção (BPA). Tarefas Cognitivas: Provas Piagetianas (Piaget: Experiências Básicas para Utilização pelo Professor, Iris Barbosa Goulart), Tarefa de Transcodificação Numérica (Moura et al, 2013). Avaliação do desempenho escolar: Teste de Desempenho Escolar (TDE), Provas de Avaliação dos Processos de Leitura (PROLEC), Consciência Fonológica Instrumento de Avaliação Sequencial (CONFIAS). Avaliação da personalidade: Escala de autoconceito infanto-juvenil (EAC-IJ).

Resultados

Para avaliação da inteligência, inicialmente foi aplicado a WISC-IV, cujo desempenho do avaliando apontou para um QI total de 79, com classificação “limítrofe”. Isto conferiu um percentil 8, o que indicou que ele superou, em termos cognitivos, 8% da população de mesma faixa etária que a sua. Uma análise dos índices fatoriais auxiliou a compreensão do desempenho em subáreas específicas da inteligência. Com relação ao Índice de Compreensão Verbal, apresentou QI de 82, classificado como médio inferior (percentil 12, superando 12% da população de mesma faixa etária). Em relação ao índice de Memória Operacional, obteve QI de 62, classificado como “limítrofe” (percentil 1, superando 1% da população de mesma faixa etária) . Nos índices de Organização Perceptual, apresentou QI de 100, caracterizando o desempenho como “médio” (percentil 50, superando 50% da população de mesma faixa etária). Em Velocidade de Processamento, o avaliando obteve desempenho classificado como “médio inferior”, com QI de 83 (percentil 13, superando 13% da população de mesma faixa etária). Pela análise do perfil de desempenho em subtestes específicos no WISC-VI, observou-se que o avaliando apresentou melhor desempenho em tarefas de organização perceptual, a saber, cubos, conceitos figurativos e completar figuras, o que indicou facilidades em raciocínio com estímulos visuais não verbais e processamento visual. Os

resultados nos demais índices fatoriais foram coerentes com as dificuldades indicadas pelo relato dos pais e da queixa encaminhada pela orientação escolar.

Diante disso, a fim de investigar mais a respeito das habilidades cognitivas, foi aplicado o teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven para verificar a capacidade intelectual geral não-verbal do avaliando. Como resultado, apresentou percentil 60, superando 60% da população de mesma faixa etária e sendo este resultado indicativo de um desempenho classificado como “médio”.

Na Bateria Psicológica para Avaliação de Atenção, obteve atenção geral considerada média superior, com percentil 65, ou seja, superando 65 % da população de mesma idade que a sua. Nas provas isoladas, o avaliando obteve resultado “superior” em atenção concentrada (percentil 80, superando 80% das crianças de mesma idade); “médio inferior” em atenção dividida (percentil 30, superando 30% das crianças de mesma idade) e “médio superior” em atenção alternada (percentil 70, superando 70% das crianças de mesma idade).

Por meio das provas piagetianas, foi observado que, em relação ao pensamento de conservação, encontrava-se num nível inferior ao de sua idade, sendo não conservativo prevalentemente, e portanto, suas respostas equiparadas aos de crianças de 5 a 7 anos. Em relação às tarefas de mudança de critério e quantificação e inclusão de classes, encontrava-se dentro da média, tendo entendimento da atividade porém com dificuldade para realizá-la, contudo sendo este padrão comum para sua idade. Sobre a tarefa de pensamento proporcional respondeu corretamente, porém sem saber explicar suas respostas. Foi aplicada a prova cognitiva de transcodificação numérica, onde a pontuação de corte para sua escolaridade é de 27 acertos, tendo o avaliando acertadas 12 questões. Esse escore na tarefa é um forte indicador da presença de transtorno de aprendizagem em aritmética.

Com o objetivo de avaliar os diferentes processos e subprocessos que interferem na leitura, identificando os casos de dificuldades em sua aprendizagem, foi aplicado o PROLEC. As atividades são divididas em: processo de identificação de letras, processo léxico, processo sintático e processo semântico. Nesta prova foi observado que o avaliando tinha

conhecimento dos nomes das letras, mas fazia trocas na identificação de letras com grafias semelhantes como “d” e o “b” e o “q” e o “d”. Não conseguiu realizar nenhuma das demais tarefas de leitura.

Em relação ao desempenho escolar avaliado pelo TDE, o avaliando apresentou desempenho geral considerado “inferior” (pontuação bruta de pontos). Em todos os subtestes, apresentou desempenho abaixo do esperado para sua escolaridade (desempenho inferior). Na etapa da escrita de palavras não obteve acertos, e embora o traçado das letras se apresentasse correto, não correspondia à palavra lida pela examinadora. Em aritmética seu desempenho foi de 5 pontos (escore máximo 38), conseguiu realizar os cálculos de adição e subtração iniciais, mas percebeu-se que não compreendia os sinais aritméticos na escrita. Relatou que fazia os cálculos com o auxílio dos dedos das mãos, compreendendo qual o raciocínio era exigido para o problema exposto verbalmente, mas não compreendia quando as operações eram apresentadas por escrito. Dessa forma, quando as operações ultrapassavam o que os dedos podiam contar, não conseguia mais fazer os cálculos. Relatou que não compreendia as operações de multiplicação e divisão. No subteste de leitura (escore máximo 70), obteve 5 pontos, ficando bem abaixo do que é esperado para sua escolaridade.

Em decorrência dos resultados nos testes PROLEC e TDE, foi aplicado o teste CONFIAS para averiguar as dificuldades encontradas nos processos de leitura apresentados. Em nível de sílaba, o avaliando apresentou conhecimento adequado em processos de síntese, segmentação, identificação de sílaba inicial e de rima e produção de palavra com sílaba dada. Ainda em nível de sílaba, apresentou dificuldades em identificação de sílaba medial e produção de rima. Em nível de fonema apresentou dificuldades em todos os itens, a saber, produção de palavra com o fonema inicial dado, identificação de fonema inicial e final, exclusão, síntese, segmentação e transposição de fonemas.

Buscando compreender o funcionamento do temperamento da criança, foi aplicada a Escala de Autoconceito Infante-Juvenil, com o objetivo de conhecer como se autodescreve em relação aos sentimentos que possui sobre as várias áreas de sua vida (a saber, pessoal, familiar, social e escolar). O avaliando se descreve como uma pessoa de bem com a vida, leva seus problemas sem muitas dificuldades ou ansiedades ao extremo. Indica sentir-se

bem consigo mesmo, sem maiores preocupações, medos e ansiedades. No contexto familiar se auto descreve muito positivamente, revelando ser uma pessoa contente e alegre com os familiares, adaptado às exigências do lar e com um bom relacionamento de confiança e lealdade com os pais. Em contexto social considera-se bem intelectualmente, tem vontade de ajudar os outros, assim como solicita ajuda quando precisa. Por sua vez, avalia-se não muito esperto para os estudos, não é visto como uma pessoa divertida na escola, mas gosta de ser o líder nas atividades em grupo.

Em resumo, o avaliando apresentou desempenho um pouco abaixo do esperado na avaliação cognitiva pela WISC-IV, com dificuldades acentuadas em memória operacional e compreensão verbal e facilidades em tarefas que avaliam organização perceptual. Esta última informação foi corroborada com a avaliação pelo Raven, que mostrou que a criança apresentou desempenho intelectual não-verbal dentro da média, o que indica que ele não apresenta dificuldades globais nesta área. Em relação à atenção, alcançou desempenho médio superior geral, porém, em análise dos subtipos atencionais verificou-se que o desempenho foi heterogêneo, apresentando resultados inferiores à média em atenção dividida e superior em atenção concentrada e alternada (não caracterizando, entretanto, déficit de atenção). Observou-se certa dificuldade na flexibilidade do pensamento e uma tendência à manutenção do raciocínio concreto, o que pode em parte explicar o uso de estratégias concretas nos cálculos matemáticos, por exemplo. Seu baixo desempenho escolar e as suas dificuldades em processos de leitura e de consciência fonológica não podem ser explicados pelo desempenho cognitivo geral, apesar de uma possível contribuição do baixo desempenho em memória operacional. O desempenho do avaliando nas tarefas acadêmicas são compatíveis com hipótese de transtorno da aprendizagem da leitura, escrita e aritmética. Não foram observados problemas em relação ao desenvolvimento da personalidade. De acordo com os resultados encontrados, foi sugerido avaliação fonoaudiológica para mais bem investigar a hipótese diagnóstica apontada.

Considerações finais

Os percursos da aprendizagem, em casos de transtorno de aprendizagem, exigem uma compreensão cuidadosa por parte dos profissionais. A partir dos resultados do psicodiagnóstico é possível delinear um programa de atendimento clínico, um diálogo com outros profissionais para esclarecer a respeito do diagnóstico e também orientações à escola em busca de compor um caminho mais promissor à criança. Os instrumentos utilizados na avaliação são importantes ferramentas do profissional que realiza o psicodiagnóstico. Contudo, o conhecimento acerca do desenvolvimento infantil deve ser o norteador da investigação, lembrando que o ser humano é bio-psico-social.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Artmed Editora, 2014.

Bridi Filho, C. A.; BRIDI, F. R. S. Sobre o aprender e suas relações: interfaces entre a neurologia, psicologia e psicopedagogia. In N. T. Rotta; C. A. Bridi Filho; F. R. S. Bridi. (Orgs). **Neurologia e Aprendizagem**: abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2016.p.17-28.

DIAS, N. M. et al. Avaliação da leitura no Brasil: revisão da literatura no recorte 2009? 2013. **Revista Psicologia-Teoria e Prática**, v. 18, n. 1, 2016.

GOULART, I. B. **Piaget**: experiências básicas para utilização pelo professor. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HAASE, V. G.; SANTOS, H. Transtornos específicos de aprendizagem: dislexia e discalculia. In D. Fuentes, L. F. Malloy-Diniz; C.H.P. Camargo; R. M. Cosenza. (Orgs). **Neuropsicologia**: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed. p.137-153.

MOURA, R. et al. Transcoding abilities in typical and atypical mathematics achievers: the role of working memory and procedural and lexical

competencies. **Journal of experimental child psychology**, v. 116, n. 3, p. 707-727, 2013.